

# Tradução

## Teoria das multiplicidades em Bergson

### Diego de Matos Gondim

Doutorando em Educação Matemática pela Unesp e em Filosofia pela Université Paris 8  
Bolsista FAPESP  
diego.gondim@unesp.br

Este texto é uma transcrição de uma conferência de Gilles Deleuze, que aconteceu em 30 de novembro de 1969. Sua transcrição francesa pode ser encontrada no site Web Deleuze, vide: <https://www.webdeleuze.com/textes/107>.

## Gilles Deleuze

...Eu queria propor-lhes um estudo sobre a história de uma palavra, e também uma história muito particular, muito pontual. A palavra é multiplicidade. Há um emprego muito corrente da multiplicidade, por exemplo, digo: uma multiplicidade de números, uma multiplicidade de atos, uma multiplicidade de estados de consciência, uma multiplicidade de abalos. Aqui, multiplicidade é empregada como um adjetivo dificilmente substantivável. É certo que Bergson se exprime muitas vezes assim. Porém, em outros momentos, a palavra multiplicidade é empregada em um sentido forte, como um verdadeiro substantivo. Assim, desde o segundo capítulo de *Dados Imediatos*<sup>1</sup>, o número é uma multiplicidade, o que não quer dizer a mesma coisa que uma multiplicidade de números.

Por que sentimos que esse emprego da multiplicidade, como substantivo, é ao mesmo tempo incomum e importante? (O conceito de multiplicidade: DI, página 169). Isto porque, enquanto nós empregamos o adjetivo múltiplo, estamos pensando em um predicado que nos coloca necessariamente em relação de oposição e complementaridade com o predicado UM: um e múltiplo, a coisa é uma ou múltipla, e mesmo assim ela é uma e múltipla. Ao contrário, quando empregamos multiplicidade como substantivo, indicamos, com isto mesmo, que ultrapassamos a oposição dos predicados um-múltiplo, ou seja, que já estamos instalados sobre outro terreno, e sobre este terreno somos necessariamente levados a distinguir tipos de multiplicidades.

Em outras palavras, a noção mesma de multiplicidade tomada como substantivo implica um deslocamento de todo o pensamento: a oposição dialética do um e do

---

<sup>1</sup> Trata-se da tese de doutorado do filósofo francês Henri Bergson, defendida em 1888, na *Faculté de lettres de Paris*. Em 1889, a tese foi publicada em forma de livro sob o título *Essai sur les données immédiates de la conscience*. Sua primeira tradução na língua portuguesa foi realizada por João da Silva Gama, publicada na coleção Textos Filosóficos da Edições 70, sob o título *Ensaio sobre os dados imediatos da consciência*.

múltiplo é substituída pela diferença tipológica entre as multiplicidades. E é o que faz Bergson: em toda sua obra, denuncia constantemente a dialética como pensamento abstrato, como um falso movimento que vai de um oposto ao outro, do um ao múltiplo e deste ao um, mas que sempre deixa escapar a essência da coisa, ou seja, o *quanto*, o *poson*<sup>2</sup> (?). Por isto, ele rejeitará na *Evolução Criadora*<sup>3</sup>, capítulo 3, a questão: “o *elã vital*” é uno ou múltiplo? Pois o *elã vital* é como a duração, não é nem uno e nem múltiplo, é um tipo de multiplicidade. Além disto, os predicados um e múltiplo dependem, eles mesmos, da noção de multiplicidade e só concordam, precisamente, com outro tipo de multiplicidade, ou seja, com a multiplicidade que se distingue da multiplicidade da duração ou do *elã vital*: “unidade e multiplicidade abstratas são como as determinações do espaço ou das categorias do entendimento” (713).

Existem dois tipos de multiplicidade: uma é chamada de multiplicidade de justaposição, multiplicidade numérica, multiplicidade distinta, multiplicidade atual, multiplicidade material, e veremos que ela tem por predicados: o um e o múltiplo ao mesmo tempo.

A outra: multiplicidade de penetração, multiplicidade qualitativa, multiplicidade confusa, multiplicidade virtual, multiplicidade organizada, e ela recusa tanto o predicado do um quanto do mesmo [o múltiplo]. Evidentemente, é fácil reconhecer a partir desta distinção de duas multiplicidades a distinção do espaço e da duração, mas o importante é que, no segundo capítulo dos *Dados Imediatos*, o tema espaço-duração só é introduzido em função do tema prévio e mais profundo das duas multiplicidades: “há duas espécies bem diferentes de multiplicidade”, a multiplicidade numérica que implica ao espaço como uma de suas dimensões; e a multiplicidade qualitativa, que implica a duração como uma de suas condições.

Nota: As multiplicidades numéricas possuem duas dimensões: espaço e tempo; as outras: duração e extensão pré-espacial.

Ora, Bergson começa por um estudo das multiplicidades numéricas. Acredito que seu estudo compreende um princípio muito original: não que haja uma multiplicidade de números, mas que cada número é uma multiplicidade, mesmo a unidade é uma multiplicidade. E disto, derivam três teses, que simplesmente resumo:

1. A redução do número às noções exclusivamente cardinais: o número como coleção de unidades, e a definição ordinal do número de uma coleção é puramente extrínseca ou nominal, a contagem não tendo outra meta que encontrar o nome do número já pensado.
2. O espaço como condição de número, era esse um espaço ideal, o tempo que intervém na série ordinal não intervindo senão secundariamente e como tempo espacializado, ou seja, como espaço de sucessão.

---

2 Termo grego para “quanto”.

3 Na transcrição original, usa-se “*Energis Créatrice*”, porém, entende-se que seja um erro, dado que se trata do livro *Évolution Créatrice* do Bergson, publicado em 1907.

3. A divisibilidade<sup>4</sup> da unidade; pois um número é uma unidade pela coligação cardinal, isto é, pelo ato simples da inteligência que considera a coleção como um todo; contudo a coligação não se refere apenas a uma pluralidade de unidades, mas cada uma dessas unidades é uma pelo ato simples que a captura e, ao contrário, é múltipla em si mesma por suas subdivisões sobre as quais a coligação incide. É nesse sentido que todo número é uma multiplicidade distinta. E duas consequências essenciais emergem: ao mesmo tempo que o um e o múltiplo pertencem às multiplicidades numéricas, também o descontínuo e o contínuo. O um ou o descontínuo qualificam o ato indivisível pelo qual se concebe um número, depois outro, o múltiplo ou o contínuo qualificam ao contrário a matéria “coligada” (infinitamente divisível) por este ato.

É assim que as multiplicidades numéricas são definidas e, de certa forma, são elas que geram o espaço: Dados Imediatos, página 62.

Agora, há algo muito curioso. Os Dados Imediatos aparecem em 1889. Em 1891 aparece a Filosofia da Aritmética de Husserl. Husserl também propõe uma teoria do número: ele afirma explicitamente o caráter exclusivamente cardinal do número, a coligação como síntese do número e o caráter divisível da unidade. Difere de Bergson somente sobre a relação da coligação com o espaço, Husserl pensa que a coligação é independente da intuição espacial; mas mesmo essa diferença é seriamente atenuada se considerarmos a noção de espaço ideal em Bergson, o espaço não sendo de modo algum uma propriedade das coisas, mas um esquema de ação, ou seja, uma síntese intelectual original e irreduzível (ver Matéria e Memória, p. 345). Então, há um assombroso paralelismo. Além disto, por sua vez, Husserl considera o número como um tipo de multiplicidade.

Além disso, esse tipo de multiplicidade que é o número, Husserl a opõe a outro tipo: quando entro em uma sala e vejo que há “muitas pessoas”, quando olho para o céu e vejo “muitas estrelas, ou muitas árvores na floresta” ou uma linha de colunas em um templo. Ali, de fato, não há multiplicidade numérica: é no seu próprio surgimento que um agregado sensorial apresenta uma marca que o faz reconhecer como uma multiplicidade, e como uma multiplicidade de um tipo completamente diferente da multiplicidade numérica, sem nenhuma coligação explícita: é uma multiplicidade “implícada”, uma multiplicidade qualitativa. Husserl fala de “caracteres quase qualitativos”, ou de uma multiplicidade organizada, ou de “fatores figurativos”.

É uma propriedade do Todo, que não é, como se diz muito facilmente, independente de seus elementos, mas que tem, com seus elementos, relações complexas bastante diferentes das de uma coleção numérica com os seus. E Husserl não deixa de citar o exemplo da melodia. É evidente que Husserl, aqui, aproxima-se dos trabalhos de seu contemporâneo Ehrenfels que, em 1890, falava das qualidades-Gestalten, distintas das qualidades próprias dos elementos, de outra ordem que eles, e sobretudo explicitamente dos trabalhos de Stumpf que, em 1885, invocou a noção de *Verschmelzung* para designar

---

4 Destaca-se aqui que a palavra “*dursibilit e*” refere-se a uma “dureza”, a algo que se torna duro, traduzido para o espanhol como “*endurecimiento*”, como se pode notar em: [www.webdeleuze.com/textes/110](http://www.webdeleuze.com/textes/110). No entanto, por se tratar de algo de ordem numérica, assume-se a correspondência feita na tradução para o inglês como “divisibilidade”, como se pode notar em: [www.webdeleuze.com/textes/111](http://www.webdeleuze.com/textes/111).

uma espécie de síntese passiva (não intelectual), uma apreensão de qualidades de uma ordem superior à dos elementos.

Essa então é a multiplicidade não numérica. Ora, mas parece muito longe de Bergson. E, no entanto, não de todo: as batidas do relógio, no Capítulo II dos *Dados Imediatos*, podem entrar em uma multiplicidade numérica, mas quando estou distraído, o que acontece? Eles se misturam em uma multiplicidade não-numérica qualitativa. Multiplicidade da fusão, de interpenetração. É verdade que em Bergson se trata de uma fusão; não é assim em Husserl, nem em Stumpf, que assinalam que mais que os elementos, as notas de uma melodia são claramente percebidas.

**Recebido em:** 19/Mar/2019 - **Aceito em:** 19/Mai/2020.